

## **Bolsista ID: Ana Paula Fontoura Pinto**

Através da leitura dos textos deveremos, ao realizarmos um trabalho de pesquisa e observação nas escolas, levar em consideração:

- O ambiente escolar;
- A recepção dos profissionais, pois dependemos da aceitabilidade deles para que tenhamos um bom ou mau desempenho no nosso trabalho;
- O objetivo deste trabalho;
- O que queremos tirar de bom disso;
- A abordagem: como será feita?

O livro de Heraldo Marelim Vianna nos faz refletir sobre nossa maneira de nos portarmos perante diversas situações como ajudar um aluno, afinidades, refletirmos sobre as vantagens e desvantagens de fazer um trabalho por este viés. O autor ressalta que a falta de preparo pode interferir de forma negativa no percurso da pesquisa, fala que é necessário estarmos capacitados para observarmos de forma mais objetiva, pois uma coisa é observarmos o cotidiano e tiramos nossas percepções casualmente, outra é observarmos um objeto de pesquisa e retiramos informações científicas.

Temos que tomar cuidado em relação às nossas anotações: limitaremos a ser fiel ao que nos vemos nas situações observadas, estaremos atentos a tudo que ocorre para que não escape nenhum detalhe.

Embora haja afinidades entre o observador e os profissionais da escola, esta questão não poderá interferir no processo de instituição senão o trabalho ficará incompleto, pois alguns quesitos ficarão de fora.

O texto de Zabalza, de certa forma, complementa o texto anterior, pois serve para refletirmos sobre nossa maneira de escrever um diário, os tipos de diários, como o gênero se porta em cada contexto, seja educacional ou não. E concluímos que é no diário que nossas observações se concretizam, seja jornalístico, avaliativo, etc., e nos levam a um processo de pesquisa e reflexão. É uma maneira de dialogar com nós mesmos sobre o que vimos e o que queremos ver em relação à prática educacional ao mesmo tempo em que descrevemos, detalhadamente, o cotidiano em certos contextos. Para este trabalho, deduzo que estes livros nos darão uma base sobre o que devermos fazer ou não nas escolas daqui por diante e como anotarmos adequadamente. Embora

pareça óbvio, pois ao lermos parece que fazemos isso automaticamente (tanto observar quanto escrever no diário), ainda vacilamos.

**Bolsista ID: Cíntia Alves**

#### Resumo do livro “Diários de Aula” de Miguel Zabalza

No livro o autor nos mostra os mais diferentes tipos de diários e modos de escrita, além de nos mostrar a importância que eles têm em nossa formação quanto a profissionais da área de ensino. Sendo assim, Zabalza nos mostra o quanto nos podemos refletir sobre as nossas ações ao escrever um diário e, por isso, como podemos crescer como pessoas e professores ao repensar em nossos atos como tais em sala de aula. Os diários também servem como um documento de estudo diacrônico, no qual podemos ver o nosso progresso no decorrer do tempo, ou seja, se tivermos o hábito de escrever diários de aula em nossas experiências, poderemos ver a diferença de nossas práticas enquanto universitários, como iniciantes e mais tarde, já maduros. Neles também podemos conversar com nós mesmos sobre os nossos dilemas e desafios, podendo nos expressar livremente, para que, assim, aprendamos com os nossos erros e acertos e sejamos a cada dia um profissional melhor, não nos importando apenas com os nossos problemas, mas buscando sempre ajudar os nossos alunos a aprender e crescer. Por isso é importante que nós evoluamos e não continuemos sempre nas mesmas práticas que não obtiveram sucesso, mas sejamos humildes para aprender com nossos alunos, como mostra Freire (1996) quando nos diz que todos, professores e alunos, somos sujeito e objeto do aprendizado.

#### Resumo do livro “Pesquisa em Educação a Observação” de Heraldo Vianna.

Nesse livro o autor nos fala um pouco sobre como ser um pesquisador observador nos mais diferentes ambientes. Ele, portanto, nos lança a principal problemática de ser um observador, pois nós, como estranhos no ambiente observado, sempre seremos observadores, ou seja, por mais que estabeleçamos algum vínculo com os observados, sempre estaremos influenciando de alguma forma, diferentes acontecimentos nesse local. Também vimos as dimensões envolvidas pelo ato de observar, pois tudo precisa de uma escolha, ou seja, antes de se tornar um observador precisamos escolher o local e saber como o faremos. Todas essas escolhas influenciam e são de extrema importância no produto final da pesquisa. Assim, também nos alerta

para as vantagens e desvantagem de ser um pesquisador observador, pois apesar do aprendizado, seria muito difícil saber se os resultados eram realmente o que seriam sem a nossa presença na ocasião,mas, apesar disso, os resultados são muito importantes para os estudos, principalmente para iniciantes como nós, pois é a partir de observações que podemos descobrir como são os alunos, por exemplo, em uma sala de aula, antes de aplicarmos a sequência didática no estágio. Por isso, acredito que a observação é uma etapa necessária para qualquer trabalho a ser feito em locais que não sejam do nosso cotidiano ou que necessitem de algum tipo de planejamento, para que já se possa saber antes com o que se está lidando.

Na observação também é possível uma maior adaptação ao contexto a ser trabalhado, por exemplo, no contexto escolar, nessa fase, podemos aprender sobre os hábitos, o cotidiano ou problemas dos alunos e, assim, começar uma interação, para que, no futuro, não sejamos tão estranhos como no início. Isso, segundo Vianna, pode ser feito a partir de métodos quantitativos, ou seja, observando-se a quantidade de vezes que os fatos ocorrem pode-se obter a frequência e, com isso, chegar aos hábitos de cada sujeito observado. Mediante esse conhecimento, é possível chegar a uma análise qualitativa, na qual podemos interpretar os fatos ocorridos e pensar em soluções para eles e, dessa maneira, tentar ajudar os observados a superarem seus dilemas.

### **Bolsista ID: Marcos Vieira dos Santos**

“Pesquisa em Educação a observação” de Heraldo Marelím Vianna

A perspectiva do autor, é dizer que as observações podem ser sim fruto de pesquisa e embasamento, que pode ser feita de modo empírico, com dados concretos e testados.

Nesse sentido o autor, aborda a importância do diário de aula para que esse sirva para embasar toda a pesquisa.

Os diários também servem não só como parâmetros e instrumentos de pesquisa, mas também como serve como uma reflexão ou um exercício de auto indulgência para o professor; os diários também podem auxiliá-los a fazer um exercício de reflexão sobre suas práticas pedagógicas e seu modo ser, agir e interagir

Do ponto de vista da observação, um detalhe importante a ser atentado, é que a questão de que por ser um método „direto” e „invasivo” são os efeitos que isso traz para a pesquisa, pois o observador passa a ser um elemento estranho, e isso quebra a naturalidade do ambiente, ocorrendo o „efeito do observador”. Uma alternativa seria

através de filmagens e/ou de espelhos one way para ter uma observação mais fidedigna a naturalidade. Outra alternativa é o uso do survey,

Outro problema empírico, seria o problema da „influência” ou o „viés do observador” e isso compromete a pesquisa, um meio de minimizar esse efeito seria com um outro observador, que não teria o conhecimento do cunho da pesquisa e atuaria como um observador cego.

- Observação sistemática: O pesquisador deve definir categorias e unidades de comportamentos a serem observados e estabelecer meios de mensurá-los (tempo, tabulação / contagem ou pontuação).

- Ecologia educacional: Que se propõe a descrever e analisar o sistema de vida dos sujeitos no meio natural, apresentando comentários detalhados das várias atividades e estímulos com que os sujeitos entram em contato.

- Estudos Etnográficos (ou estudo de campo): Constituem os menos estruturados dos tipos de observação, ou simplesmente aprestam uma estruturação bem reduzida em relação ao meio usado pelo observador. Eles ocorrem em um contexto natural e, na maioria das vezes, emprega-se uma observação participante. O estudo etnográfico tem por principal objetivo descrever uma determinada cultura, entendida no seu sentido sociológico.

Hei de ressaltar quatro tipos de observação;

- Observação casual; é bastante útil na tomada de decisões sobre a melhor situação para fazer uma observação e de desenvolver diferentes tipos de categorias necessárias a uma observação sistemática. É recomendável fazer anotações sobre observações casuais, pois as impressões iniciais são geralmente as mais vivas e mais úteis quando imediatamente registradas

- Observação formal; é a aplicação estruturada e sistemática de um conjunto de procedimentos para realizá-la ou coletar dados geralmente de uma única abordagem ou de uma combinação de abordagens (sistemática, etológica, ecológica, etnográfica). Geralmente envolve um observador un-intrusive que faz observações de campo e/ou registra tempo, conta ou classifica comportamentos ou eventos. Algumas vezes, uma câmara de vídeo pode substituir o observador e o vídeo será mais tarde analisado por intermédio de um instrumento-padrão.

- Observação naturalista; é feita no ambiente natural, como diz o seu próprio nome, e não procura, manipular, modificar ou mesmo limitar o meio ou os comportamentos dos participantes. Há observação e registro do que efetivamente ocorre.

A observação participante se distingue em três fases, segundo Spradley:

- Observação descritiva: O observador adapta-se ao campo de estudos e faz descrições não específicas, que se destinam a dar uma idéia geral da complexidade do campo de estudo e a desenvolver, simultaneamente, perguntas concretas para a pesquisa, abrindo novas perspectivas para o trabalho;
- Observação centrada: a perspectiva se estreita em relação ao processo e aos problemas mais essenciais para as questões da pesquisa; e
- Observação seletiva: ao se aproximar o fim da pesquisa, a coleta de dados centra-se em novas questões e exemplos para os tipos de práticas e processos encontrados na segunda fase da observação.

O observador participante, no desenvolvimento de um trabalho dessa natureza, deve procura identificar, conforme a ênfase apresentada por McMillan & Schumacher (2001), entre outros elementos, os seguintes:

- quem integra o grupo – quantas pessoas participam do grupo, características que as identificam e razão de sua integração ao grupo;
- o que acontece no grupo – o que fazem e dizem as pessoas; as atividades promovidas e como são organizadas e justificadas; como as pessoas no grupo se relacionam umas com as outras; como se organizam (ou não); quais os diferentes papéis que ficam evidentes no grupo; quem toma as decisões; qual o conteúdo das conversas; os assuntos mais frequentes; a linguagem verbal empregada; as diferentes formas de comunicação não-verbal; as idéias emergentes nas conversas; quem fala e quem ouve; o conhecimento tácito;
- onde se localiza o grupo – características físicas; recursos utilizados, inclusive tecnológicos; uso de espaço, etc;
- quando o grupo se encontra e interage - frequência e duração dos grupos; como organiza o seu tempo; como os participantes se posicionam em relação a fatos passados e outros possíveis de acontecer no futuro;
- como os elementos do grupo se inter-relacionam - estabilidade do grupo; modificações ocorridas; regras e normas de organização do grupo; relações com outros grupos, organizações e/ou instituições;
- qual o significado atribuído pelos participantes às suas atividades e os seus valores e visões de mundo possíveis de identificar no grupo.

É importante ressaltar que uma observação, por mais bem feita que seja, nunca apresentará uma total neutralidade. Nós tendemos a ver aquilo que efetivamente desejamos ver, criando, portanto, um certo viés sistemático, gerando uma percepção própria nossa.

Tudo isso mostra a necessidade de formação para o uso da observação, como meio de pesquisa, e a importância de uma definição de estratégias para que as observações possam ser consideradas relativamente válidas.

Ainda pode-se fazer uma verificação dos dados através de uma triangulação dos dados, no qual haverá possibilidade de uma checagem em relação às percepções de várias pessoas durante a fase de observação da pesquisa, determinando, ao final, se as conclusões possuem fundamento e se apresentam consistência em relação aos elementos coletados.

Existe conforme N. K. Denzin, no seu artigo sobre Triangulação, publicado na International Encyclopedia of Educational Research, citado por Wragg (1999), quatro tipos diferentes de triangulação, que devem ser considerados no desenrolar de um processo de pesquisa: i) a triangulação de dados, considerando as variáveis tempo, lugar ou pessoas; ii) a triangulação do pesquisador, em que diversos observadores fazem uma verificação cruzada de cada um dos observadores da equipe, iii) a triangulação da teoria, em que diferentes teorias usadas durante a observação são testadas; e iv) a triangulação metodológica, em que mais de uma metodologia pode ser usada no desenrolar da pesquisa.

### **Bolsista ID: Rômulo Ximenes**

Resumo do livro Pesquisa em educação a observação Heraldo Marelim Vianna

O livro trata sobre a questão do observador e do observar entre suas mais diversas nuances em uma pesquisa científica ou acadêmica. O autor trata o assunto inicialmente falando sobre os fatores que podem influenciar uma pesquisa, seja positiva ou negativamente. Dentre alguns exemplos citados está a presença do pesquisador em sala de aula, já que o mesmo é um corpo estranho no meio de uma rotina onde talvez ele não seja conhecido ou então os observados estranhem sua presença, e dessa forma venha ser algo prejudicial para o bom andamento da coleta de dados.

Vianna fala também que deve-se criar uma rotina de acompanhamento em que o observador faça mais de uma visita a sala de aula, pois assim o mesmo terá maior chance de presenciar acontecimentos inéditos e que sejam de grande valia para a pesquisa. Vianna também alerta que toda pesquisa deve possuir fundamentos teóricos, ter um roteiro bem estruturado e conciso dizendo de forma clara quais são os objetivos pesquisados. Ele salienta que o observador não deve somente olhar, mas deve saber identificar e descrever aquilo que está presenciando, sendo assim, isso exigirá que o observador passe por um treinamento antes de iniciar o trabalho.

Na leitura temos como suporte algumas dicas de como dar início ao trabalho de pesquisa de forma coerente. Devemos ter as respostas de algumas perguntas-chaves que são: O que deve ser efetivamente observado? Como proceder para efetuar o registro dessas observações? Quais os procedimentos utilizar para garantir a validade das observações? Que tipo de relação estabelecer entre o observador e o observado, qual a natureza e como implementar essa relação? Mas antes de tudo é de extrema importância que exista um olhar imparcial e sem pré-julgamentos.

O observador assumirá um papel de “águia” em sala de aula, pois até mesmo as informações ou idéias mais irrelevantes possíveis podem assumir um papel bastante decisivo na hora da tabulação dos dados.

Em um segundo momento, o autor relata sobre a observação na escola propriamente dita, pois no primeiro momento, ele trata sobre a metodologia. Por fim passamos a saber um pouco mais sobre métodos quantitativos e qualitativos de observação, conceitos básicos de observação, efetivação da observação na escola.

### **Bolsista ID: Francimeire Oliveira da Silva**

Resumo do livro “Pesquisa em Educação: a observação”

Vianna, Heraldo Marelím

Brasília: Líber Livro Editora, 2007

Na observação científica as informações que obtemos são diferentes das conseguidas em uma observação casual. Uma dessas diferenças é que as observações científicas procuram coletar dados mais confiáveis e para obtê-los é preciso usar metodologias adequadas, de modo a evitar a identificação de fatores que têm pouca ou nenhuma relação com o comportamento complexo que se deseja estudar.

A pesquisa só pode ser considerada científica se for embasada em fundamentos teóricos consistentes relacionados à natureza dos fatos ou comportamentos a serem observados. Sem essas teorias e conhecimentos bem estruturados, a pesquisa de observação produz elementos esparsos e não-conclusivos, por isso é importante iniciar a pesquisa fazendo uma revisão da literatura, limitada aos três ou quatro últimos anos anteriores ao início da observação e depois partir para a formulação de algumas hipóteses sobre a natureza do fenômeno a ser observado.

O observador não deve simplesmente olhar, mas também saber ver, identificar e descrever os diversos tipos de interações e processos humanos.

Dessa observação podem surgir perguntas geradoras de novos trabalhos e que talvez não responda a questão original que se queria analisar.

Além da observação, a literatura técnica e teórica, situações da vida prática, experiências e insights pessoais, são outras fontes de identificação de problemas a pesquisar e de deduções que precisam ser comprovadas.

A observação tem contribuído para o desenvolvimento do conhecimento científico ao coletar dados de natureza não-verbal e faz parte do nosso cotidiano, mas essa situação não deve fazer com que pensemos que ela não requer uma formação e treinamento prévios que nos qualifique para o exercício dessa atividade, pelo contrário, os resultados, na ausência desse treinamento, podem ser caóticos e sem credibilidade por não terem a seriedade e validade que se espera de um trabalho científico.

Os procedimentos de observação segundo Flick (1999), são geralmente classificados por 05 dimensões:

- 1) observação oculta versus observação aberta;
- 2) observação não-participante versus observação participante;
- 3) observação sistemática versus observação não-sistemática;
- 4) observação in natura versus observações artificiais (laboratório);
- 5) auto-observação versus observação de outros.

Categorizar observações não é simples pois alguns estudos podem ser mais organizados que outros.

Independente do objetivo ou finalidade, uma observação deve propor, inicialmente, quatro questões a serem consideradas ao longo do trabalho:

- 1) O que deve ser efetivamente observado?
- 2) Como proceder para efetuar o registro dessas observações?
- 3) Quais os procedimentos a utilizar para garantir a validade das observações?
- 4) Que tipo de relação estabelecer entre o observador e o observado, qual a sua natureza e como implementar essa relação?

Observações estruturadas acontecem em laboratório, as semi-estruturadas em geral ocorrem em campo e acontecem em um contexto natural e, na maioria das vezes, não procuram dados quantificáveis.

Quando o observador faz uma observação não-estruturada, tenta restringir seu campo de observação para posteriormente delimitar suas atividades, modificando, às vezes, os seus objetivos iniciais ou determinando com mais segurança e precisão o



conteúdo das suas observações e proceder às mudanças que se fizerem necessárias no planejamento inicial.

O pesquisador ou o observador pode muitas vezes apresentar opiniões pessoais bem fortes nas suas observações e julgamentos, e dessa forma incorrendo em erros sistemáticos nos seus dados e conseqüentemente tendo efeitos problemáticos para a pesquisa. Um desses efeitos é o efeito de halo, que envolve transferência de impressões generalizadas sobre a característica ou situação de uma pessoa pra outras, gerando interpretações pouco confiáveis.

Pode-se estabelecer, de acordo com Bailey (1994), que as diferentes e sucessivas fases do processo de observação são as seguintes:

- 1) definir os objetivos do estudo;
- 2) decidir sobre o grupo de sujeitos a observar;
- 3) legitimar sua presença junto ao grupo a observar;
- 4) obter confiança dos sujeitos a observar;
- 5) observar e registrar notas de campo durante semanas (ou um período mais longo, conforme a natureza do estudo);
- 6) gerenciar possíveis crises que possam ocorrer entre os sujeitos e o observador;
- 7) saber retirar-se do campo de observação;
- 8) analisar os dados;
- 9) elaborar um relatório sobre os elementos obtidos.

Para o observador na fase inicial é difícil compreender de forma completa a linguagem, os costumes e até mesmo os hábitos das pessoas sob observação, especialmente em função da especificidade do grupo.

Sendo aceito pelo grupo, o observador passa a registrar suas observações, que devem se revestir de elementos característicos a serem combinados em um diário de campo: 1) o que é importante para os observados; 2) o que parece importante para o próprio observador.

As notas de campo devem ser feitas imediatamente, na medida do possível, e devem relatar aquilo que ocorreu, quando ocorreu, em relação a que ou a quem está ocorrendo, quem disse, o que foi dito e que mudanças ocorreram no contexto. As observações devem ser concretas e evitar palavras abstratas ou sujeitas a múltiplas interpretações.

Lofland (1971) relaciona os cinco elementos fundamentais que devem constar de notas de campo:

- 1) breves descrições de ocorrências;
- 2) elementos esquecidos e que depois voltam à lembrança;
- 3) idéias analíticas e inferências;
- 4) impressões e sentimentos;
- 5) notas para futuras informações.

O papel do observador é uma das principais questões a se definir na metodologia da observação, pois é recomendável que ele faça uma triangulação da observação com dados de outras fontes e com os dados coletados por outros pesquisadores.

Ao se ocultar a presença do observador ou de equipamentos atenua-se o seu efeito destes sobre o que é observado, pois a reatividade não modifica apenas o comportamento dos observados, mas o do observado também, que pode passar a ver certas ocorrências que comprovam suas hipóteses, e deixe de ver eventos que as contrariam.

Uma forma de atenuar tal efeito consiste em obter a colaboração de alguém que não tenha um conhecimento do projeto em todos os seus detalhes, que desconheça, por exemplo, as hipóteses formuladas e não tenha amplas informações sobre os objetivos do mesmo, para que participe de alguns momentos do projeto como observador cego.

É necessário, portanto, a adoção de cautelas ligadas ao cansaço, à atenção, à capacidade de concentração e ao grau de experiência da pessoa em realizar observações. Wilkinson (1995) ressalta a necessidade do interesse do próprio observador no projeto para obter dados de boa qualidade.

O observador precisa desenvolver um método pessoal para fazer suas anotações de modo a não ser traído por sua memória e fazer um registro de natureza narrativa de tudo que foi constatado no período de observação.

Na observação de escola ou sala de aula, os registros devem ser imediatamente tratados e analisados, pela complexidade do campo objeto em estudo.

É interessante para a análise na observação, estabelecer uma relação entre teoria e dados, sem engessar os dados pela teoria. A observação numa pesquisa, visa gerar novos conhecimentos e não confirmar teorias.

Se a abordagem do pesquisador for na linha quantitativa, é necessário que os diversos registros das observações possibilitem alguma forma de quantificação dos dados. Onde muitas nuances podem não aparecer, sendo necessário uma análise qualitativa para lançar luz sobre tais nuances. É freqüente adotar-se uma combinação de

análise quantitativa e qualitativa, aspectos que se complementam nos trabalhos de pesquisa.

**Bolsista ID: Bibiana Duarte**

### **Pesquisa em Educação a observação**

O autor do livro começa falando, na introdução, sobre os problemas das observações. Fala que ao longo da pesquisa o observador pode perder o foco e também que o comportamento das pessoas pode mudar a partir do momento em que elas sabem que estão sendo observadas, o que pode comprometer os resultados da pesquisa. É bom lembrar que a definição e a avaliação de como nossas ações serão percebidas por outras pessoas têm grande influência sobre nossos comportamentos.

Fala também que essa metodologia demanda tempo, tudo deve ser planejado antes de se começar o projeto. Fala sobre as habilidades que o observador precisa ter (paciência, concentração, etc.), dos vários meios, lugares e situações onde a pesquisa pode ser feita, do papel que o observador deve exercer e o que compreender para ser um bom observador.

Fala dos vários tipos de observações:

Aberta: Quando os observados sabem que estão sendo observados; Oculta: Quando eles não sabem.

Não-participante: Quando o observador não se relaciona com o grupo;

Participante: Quando o observador é parte ativa do campo observado.

Observação formal: Aplicação estruturada e sistemática de um conjunto de procedimentos para realizá-la ou coletar dados; Observação casual: Útil na tomada de decisões sobre a melhor situação para fazer uma observação e de desenvolver diferentes tipos de categorias necessárias a uma observação sistemática.

Sistemática: A observação tem um padrão que não muda; Não-sistemática: Os padrões podem sofrer alterações.

Naturalista: A observação é feita em um ambiente natural; Situações artificiais: A observação ocorre em um ambiente que oferece melhores condições para o observador, como um laboratório.

Estruturada: Ocorre em laboratórios e, em geral, partem da pré-construção de hipóteses; Não-estruturada: Consiste na possibilidade de o observador integrar a cultura dos sujeitos observados e ver o “mundo” por intermédio da perspectiva dos sujeitos da observação, eliminando a sua própria visão.

São mostradas as quatro questões que devem ser objetos de pesquisa ao longo do trabalho:

O que deve ser observado?; Como proceder para efetuar o registro dessas informações?; Quais os procedimentos a utilizar para garantir a validade das observações?; Que tipo de relação estabelecer entre o observador e o observado? Qual a sua natureza e como implementar essa relação?.

Em um capítulo é mostrado diferentes fases da observação, desde o início (quando é selecionado o local, quem observar, etc.), até o final (mostrando como agir após o término da pesquisa).

Fala sobre as notas de campo: o que deve constar nelas, como devem ser escritas, o que anotar, etc.

No capítulo: observação: vantagens e desvantagens, o autor aponta quais são as desvantagens e as vantagens da observação.

Cita os diferentes tipos de abordagens diretas na coleta de informações por intermédio das observações: abordagem sistemática, ecologia educacional e estudos etnográficos ou estudos de campo.

É discutido como as observações devem ser registradas: O observador deve saber quando registrar os seus dados e como proceder para efetivar esses registros.

Os conceitos de validade e de confiabilidade são importantes em pesquisas quantitativas e qualitativas: A validade refere-se à propriedade, ao significado e à utilidade das interferências feitas pelos pesquisadores a partir dos elementos que coletaram. A confiabilidade está ligada à consciência dessas interferências ao longo do tempo. São dadas sugestões de procedimentos a serem seguidos para garantir a validade e a fidedignidade das informações.

É fundamental que haja concordância entre os membros da equipe sobre diferentes aspectos, e que os observadores tenham uma atuação conjunta que reflita um consenso sobre os procedimentos adotados pelo grupo e sobre como fazer os devidos registros. O processo de triangulação possibilita fazer uma verificação em relação às percepções de várias pessoas durante a fase de observação da pesquisa, são citados os quatro tipos de triangulação.

No segundo capítulo o autor fala sobre a observação na escola. Fala das influências dentro da sala de aula, sobre o que o observador deve considerar ao fazer uma pesquisa dentro da sala de aula e também na escola, fala, novamente, sobre o que deve ser incluído nos relatórios.

Existem duas metodologias de observação de sala de aula: uma abrange a realização sistemática de medidas e rigoroso controle das condições de observação; a outra se baseia em abordagens desenvolvidas recentemente por uma visão antropológica mais ligada às escolas culturalistas.

Não se deve considerar o qualitativo e o quantitativo como pólos opostos, pois ambos os tipos de abordagem são faces de uma única moeda e constituem procedimentos de pesquisa que muitas vezes se completam. Quantitativo: Procura-se usar escalas de posição ou adotar um sistema de categoria. Qualitativo: Procura-se ir além da superfície dos eventos, determinar significados, interpretá-los, explicá-los e analisar o impacto na vida em sala de aula.

É descrito um sistema desenvolvido pela Universidade de Exeter (quantitativo), que auxilia no registro de eventos observados relativamente aos comportamentos do professor e a distúrbios de comportamento dos alunos. Consiste em um conjunto de categorias que o observador deve assinalar ao fim de cada período de um minuto e meio (é bom lembrar que esses registros não são precisos em toda a sua amplitude).

O autor fala sobre a avaliação do professor, dos métodos que este pode usar para lecionar e como que este deve se preocupar em relação ao conteúdo dado. Ele mostra alguns questionamentos que servem como guia para as observações e análises. Ele termina o texto falando sobre como deve ser feita a análise dos dados da observação na escola e avisando que não se deve deixar de lado por muito tempo os dados obtidos, pelo fato de que o pesquisador pode esquecer alguns dados importantes ou simplesmente perder o interesse pela pesquisa

**Bolsista ID: Fernanda Lucas Esteves**

### **Pesquisa em Educação a observação**

O livro aborda aspectos importantes sobre os problemas das observações. Fala que ao longo da pesquisa o observador pode perder o foco e também que o comportamento das pessoas pode mudar a partir do momento em que elas sabem que estão sendo observadas, o que pode comprometer os resultados da pesquisa.

*Em uma de nossas idas à Escola Arideu Monteiro, estávamos em sala de aula não para observar os alunos, mas para conhecê-los. Aconteceu que eles ficaram intimidados com a nossa presença. Não conversavam, ficaram quietos o tempo inteiro, pareciam uma turma bem comportadinha, mas a Letícia nos contou que eles não eram daquele jeito. Falou que eram bem participativos e por vezes até bem agitados. Se estivéssemos ali para observá-los, essa observação estaria comprometida.*

Aí então, nesse caso, para não comprometer a observação o livro fala sobre um artifício para minimizar esse efeito da presença do observador, que seria a sua presença em sala de aula várias vezes, sem coletar dados, para que professor e alunos acostumem-se com ele, agindo com naturalidade durante o processo de observação.

O livro fala dos vários tipos de observações e achei importante destacar:

Aberta: Quando os observados sabem que estão sendo observados;

Ocultas: Quando eles não sabem.

Não-participante: Quando o observador não se relaciona com o grupo;

Participante: Quando o observador é parte ativa do campo observado.

Observação formal: Aplicação estruturada e sistemática de um conjunto de procedimentos para realizá-la ou coletar dados;

Observação casual: Útil na tomada de decisões sobre a melhor situação para fazer uma observação e de desenvolver diferentes tipos de categorias necessárias a uma observação sistemática.

Sistemática: A observação tem um padrão que não muda;

Não-sistemática: Os padrões podem sofrer alterações.

Naturalista: A observação é feita em um ambiente natural;

Situações artificiais: A observação ocorre em um ambiente que oferece melhores condições para o observador, como um laboratório.

Estruturada: Ocorre em laboratórios e, em geral, partem da pré-construção de hipóteses; Não-estruturada: Consiste na possibilidade de o observador integrar a cultura dos sujeitos observados e ver o “mundo” por intermédio da perspectiva dos sujeitos da observação, eliminando a sua própria visão.

Ele fala também que a observação é considerada a mais disponível de todas as técnicas de coletas de dados e a que demanda mais tempo e exige um maior envolvimento do observador.

Os conceitos de validade e de confiabilidade são importantes em pesquisas quantitativas e qualitativas: A validade refere-se à propriedade, ao significado e à utilidade das interferências feitas pelos pesquisadores a partir dos elementos que coletaram. A confiabilidade está ligada à consciência dessas interferências ao longo do tempo. São dadas sugestões de procedimentos a serem seguidos para garantir a validade e a fidedignidade das informações.

É fundamental que haja concordância entre os membros da equipe sobre diferentes aspectos, e que os observadores tenham uma atuação conjunta que reflita um

consenso sobre os procedimentos adotados pelo grupo e sobre como fazer os devidos registros. O processo de triangulação possibilita fazer uma verificação em relação às percepções de várias pessoas durante a fase de observação da pesquisa, são citados os quatro tipos de triangulação.

No segundo capítulo o autor fala sobre a observação na escola. Fala das influências dentro da sala de aula, sobre o que o observador deve considerar ao fazer uma pesquisa dentro da sala de aula e também na escola, fala, novamente, sobre o que deve ser incluído nos relatórios.

Ele termina o texto falando sobre como deve ser feita a análise dos dados da observação na escola e que não podemos deixar de lado por muito tempo os dados obtidos, pois assim podemos esquecer alguns dados importantes ou simplesmente perdermos o interesse pela pesquisa.

### **Bolsista ID: Helgair Ktreschmeir**

Resumo livro “Pesquisa em educação, a observação”, de Heraldo Marelím Vianna

O livro basicamente caracteriza-se por mostrar diversas maneiras nas quais as observações podem ser feitas e quais podem surtir mais efeito, de acordo com o tipo escolhido. Por intermédio do observador, essas observações podem deixar a desejar, tornando-se caótico.

De acordo com o autor, tudo o que sabemos sobre as pessoas e o nosso entorno é resultado de observações despropositais feitas a todo o momento e que as técnicas de observação em pesquisa são as únicas abordagens disponíveis para o estudo de comportamentos complexos, como é o caso da relação professor/aluno, por isso fato que interessa muito aos educadores.

O autor aponta algumas dificuldades à observação, tais como: para conseguir informações de valor científico é preciso usar metodologias a fim de evitar que se identifiquem fatores sem relevância ou relação com o comportamento complexo que se deseja estudar; a presença e o grau de influência que observador pode causar, pois pode modificar o contexto e a situação a ser observada, (mesmo assim, a influência do observador não pode ser eliminada, pois se trata de uma presença e isso deve ser levado em consideração nas análises feitas); o tempo pode ser um fator contrário, devido a casos que demandem maior espaço para concretizarem-se; a observação deve se apoiar em fundamentos teóricos consistentes relacionados aos comportamentos a serem estudados para não apresentar resultados contundentes.

Também é descrito pelo autor que o primeiro passo a ser dado está na discussão do planejamento da pesquisa com os futuros observadores, descrevendo as fases para que as dúvidas sejam sanadas. É fundamental que haja diferentes sessões de observações com todos os observadores e participantes, os resultados discutidos por todos os integrantes do grupo para que se conheça o planejamento.

Ainda a respeito da observação, o autor destaca que a observação é uma das características da atividade científica e deve estar inserida em um processo de pesquisa, mas isso não significa que observações feitas de modo casual sejam menos importantes. Segundo Vianna, a observação é uma das maiores fontes de informações em pesquisas qualitativas em educação. Anotações detalhadas vão constituir os dados brutos das observações, cuja qualidade vai depender em grande parte, do observador.

O autor enfatiza que ao observador não basta simplesmente olhar. Ele deve também, saber ver, identificar e descrever diversos tipos de interações e processos humanos e que no seu trabalho de campo, o observador possua capacidade de concentração, paciência, espírito alerta, sensibilidade e bastante energia física para concretizar a sua tarefa. Essas características exigem intenso treinamento para formar um pesquisador com experiência e capacitação.

Mesmo sendo a observação algo que faz parte do nosso cotidiano, não devemos pensar que possamos fazer observações sem uma formação e treinamento prévios que nos qualifiquem para exercer essa função.

Além da observação direta, que é a mais valiosa para captação de dados, existe o survey, que se caracteriza por apresentar perguntas ou questões a determinadas pessoas, em um determinado momento; a entrevista e o questionário. O autor diferencia o survey da observação da seguinte maneira: “contrariamente ao survey, em que se utiliza um questionário estruturado, construído anteriormente à pesquisa, e usado como referencial para fins de interpretar a realidade e levantar dados empíricos de natureza quantitativa, a observação, em geral, seguindo outra linha, tende a usar um referencial mínimo para estruturar o fenômeno a estudar, assim como as questões que serão levantadas no momento de sua efetiva prática.”

Há diferentes tipos de observação, sendo ela participante ou não-participante, aberta, oculta, estruturada e não-estruturada. As características são as seguintes:

- Na observação participante, o observador é parte da atividade objeto da pesquisa, procurando ser membro do grupo. Já na observação não-participante, o observador não se envolve nas atividades do grupo sob observação e não procura ser membro desse grupo;
- Na observação aberta, o observador é visível aos observados que sabem que são objeto de pesquisa e na oculta, os observados não sabem que estão sob observação;
- Na observação estruturada, há a procura pela determinação da frequência com que um comportamento ocorre ou certas coisas são ditas, e na não-estruturada o observador não procura um comportamento específico, mas apenas observa e, simplesmente, registra as diferentes ocorrências.

Há quatro questões que devem ser levantadas antes de qualquer observação e feitas durante ela:

- 1º) O que deve ser efetivamente observado?
- 2º) Como proceder para efetuar o registro dessas observações?
- 3º) Quais os procedimentos a utilizar para garantir a validade das observações?
- 4º) Que tipo de relação estabelecer entre o observador e o observado, qual a sua natureza e como implementar essa relação?



Para o observador, é problemático compreender, de primeira impressão e forma completa, a linguagem, os costumes e os hábitos das pessoas que estão sendo observadas. Surge a necessidade de aceitação, e uma vez aceito, o observador pode registrar suas observações, embasadas no que é importante para os observados e o que parece importante para o observador, tudo em seu diário de campo. Sem interação, não se consegue saber nenhuma informação sobre os observados.

As notas de campo devem preservar a sequência dos acontecimentos e conter o máximo de anotações possíveis e que sejam concretas, evitando o uso de palavras abstratas e evitando julgamentos finais, conclusivos sobre o que está sendo objeto de observação.

A observação gera como consequência uma relação entre o observados e os observados, sendo de extrema importância o controle sobre suas emoções, pois pode facilitar ou dificultar a compreensão do observado. O observador, como participante do processo, é um pesquisador e seus sentimentos e emoções constituem dados para a observação.

#### Observação na escola

A sala de aula é um mundo onde ocorrem múltiplos eventos e rica em pesquisa por conter diversos elementos. É uma área em constante transformação, em que professores e alunos desempenham múltiplos e diferentes papéis.

O ambiente da sala de aula é influenciado pelo comportamento dos alunos e pelo professor. O professor apresenta vários papéis dentro de uma sala, transmitindo conhecimentos, promovendo o desenvolvimento de habilidades e provocando a mudança para novas atitudes.

O observador precisa considerar que o ensino ocorre em diferentes locais, com diferentes estruturas espaciais e psicológicas, dependendo do professor, pois cada um conduz de maneira diferente o processo de aprendizagem. E o observador deve atentar aos materiais utilizados para o desenvolvimento dessa aprendizagem que também tem influência e repercute positivamente no processo.

Um observador, para realizar um projeto em uma escola, deve conhecer a fundamentação teórica e a base intelectual de todas as suas preocupações durante a pesquisa. Toda a observação em sala de aula tem questões filosóficas e sociológicas, e dependendo do envolvimento do observador com esses conceitos, a observação de certo comportamento pode ter importância para um pesquisador e não ter a mesma para outro. A atmosfera democrática em sala de aula pode significar muito para quem associe uma visão democrática na relação professor/aluno. Já para um observador que centre o

processo de ensino na autoridade do professor, vai considerar essa aula democrática como desordenada.

Existem conceitos que o observador deve conhecer para orientar seu comportamento quando realiza uma observação em sala de aula, para coletar informações. O autor ainda ressalta que o observador tem a capacidade de atenção, percepção de certos eventos selecionados e ainda que a capacidade do ser humano de observar é limitada e o trabalho pode não vir a ter êxito se o observador não concentrar sua atenção em determinados aspectos fundamentais para a pesquisa.

As linguagens entre professores e alunos, no decorrer da pesquisa, podem conter elementos de grande valor informativo para a pesquisa. Na observação, é interessante para a análise estabelecer-se uma relação entre os dados levantados e as teorias, gerando novos conhecimentos e não a confirmar teorias.

### **Supervisora: Miriam El Uri**

Comentários sobre a leitura dos livros : Pesquisa em educação – a observação- e Diários de aula

A primeira obra citada revela a importância da observação, pois, segundo o autor, não podemos filosofar sobre algo ou alguém, se não o observamos, se não o conhecemos. Segundo o autor, ainda, as técnicas de observação são as únicas abordagens disponíveis para o estudo de comportamento.

O autor também enfatiza que há de tomar muito cuidado ao fazer as observações, pois mudanças no comportamento do professor e dos alunos podem ocorrer, tendo em vista a presença de observadores.

É importante que todos os integrantes da pesquisa em observação sejam treinados, para que o formato da pesquisa possa ser estudado e planejado, por exemplo.

O observador deve ver, ouvir, identificar, descrever, sendo necessários para isto concentração, paciência e sensibilidade.

O autor salienta quatro questões importantes a serem objeto de consideração : - o que deve ser observado; - como proceder para efetuar o registro das observações; -quais os procedimentos a utilizar para garantir a validade da observação e que tipo de relação estabelecer entre o observador e o observado.

A observação, por ser uma atividade que demanda tempo, acaba gerando relacionamentos emocionais – como simpatias, antipatias, etc..

O observador deve fazer registros a cada observação e já que o mesmo termina fazendo parte do grupo , não consegue, muitas vezes, ser imparcial, manter-se neutro.

É interessante que os observadores façam uma espécie de revezamento, para que os resultados sejam comparados e avaliados.

## Segunda obra

O autor considera os diários como uma forma de biografia de desenvolvimento pessoal e profissional e como instrumentos de pesquisa. Segundo o autor, os diários não precisam ser registros literalmente diários. O que importa é que haja uma linha de continuidade. O autor enfatiza a riqueza informativa que um diário representa. Num segundo momento da obra o autor comenta que muitas vezes os planejamentos dos professores acabam se desviando do rumo estabelecido, trabalhando-se com diários, sabemos por que e tentaremos resolver o ( s ) problemas( s). Também são excelente instrumento de avaliação, pois mediremos e anotaremos os resultado de nossas práticas pedagógicas.

O autor ressalta que esta prática é bastante atual, pois várias modalidades de cursos, adotam os “diários de bordo”. O autor cita e exemplifica os vários tipos de diários.

Por fim, são apresentadas algumas experiências com diários